

O JORNALZINHO MUNDO INFANTIL: MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA SEÇÃO INFANTIL ERICO VERISSIMO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE (1946-1958)

Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa/ FaE – UFPel

Elomar Tambara /FaE – UFPel

Eixo temático 3: Cultura e práticas escolares

Considerações Iniciais

Este artigo faz parte da investigação realizada no desenvolvimento do projeto de mestrado intitulado “*Uma dádiva aos leitores de um palmo e meio*”: a Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense. O objetivo desse texto é dar a conhecer a publicação do jornal Mundo Infantil pelos frequentadores da Seção Infantil no período de 1946- 1958.

Para a elaboração desse texto consultaram-se os jornais da época (A Opinião Pública e Diário Popular dos anos de 1946 a 1958), e documentos da Seção Infantil, tais como livros de visitas, diários de atividades mantidos pelas bibliotecárias e os exemplares do jornalzinho Mundo Infantil de 1946 a 1958. Além da utilização dessas fontes, foram realizadas duas entrevistas: uma com a Sra.Gilda Nunes Pinto, bibliotecária-chefe da instituição na época e, segundo os periódicos, uma das principais idealizadoras da instalação da Seção Infantil Erico Verissimo e outra com João Manuel dos Santos Cunha, professor da UFPel e, entre 1956 e 1958, redator-chefe do Mundo Infantil.

A análise dos dados obtidos através dos documentos e das entrevistas é baseada numa bibliografia que contempla a história do livro e da leitura e também a produção científica sobre periódicos infantis¹. O estudo das práticas de leitura, segundo Lopes & Galvão (2001) e Belo (2002) constitui uma área em crescimento no Brasil. Segundo as primeiras autoras, as investigações sobre as práticas de leitura dentro de movimentos educacionais, em especial a Escola Nova, ocupam um grande espaço na área nas pesquisas brasileiras.

Esse artigo tem como proposta investigar o processo de produção, criação e circulação do jornalzinho Mundo Infantil entre os frequentadores da Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense, além de outras práticas que envolviam as crianças participantes do projeto.

¹ Nesse sentido, cito o trabalho de Ana Regina Pinheiro sobre o jornal Nosso Esforço da Biblioteca Infantil Caetano de Campos intitulado. Ainda nesse sentido, cabe ressaltar a existência de um jornal infantil “A Gazetinha” produzido pelos frequentadores da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, conforme os estudos de Jussara Santos Pimenta.

A Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense

A Biblioteca Pública Pelotense (BPP) foi fundada em 1875 por um grupo de cidadãos pelotenses incentivados por Joaquim Dias através de seu Jornal Correio Mercantil. Desde sua fundação, a BPP funcionou como uma sociedade privada mantida pela contribuição mensal de seus sócios. Atualmente, a BPP recebe verbas da Prefeitura Municipal de Pelotas, que também cede grande parte dos funcionários que trabalham na Instituição.

A BPP, desde que foi fundada, constituiu-se um importante espaço cultural da sociedade pelotense. Além de disponibilizar o acervo para empréstimo aos seus sócios, a Biblioteca foi palco de bailes, saraus, exposições, palestras, entre outros. Do ano de 1875 até a década de 40 do século XX a BPP foi também, um espaço para a educação formal, através dos cursos noturnos de instrução primária que atendiam a homens das classes populares pelotenses².

O ano de 1945, segundo nossos estudos, foi um ano marcante para a Biblioteca. A BPP encontrava-se, nesse período, segundo Gilda Nunes Pinto, funcionando parcialmente devido à falta de funcionários³. O então presidente da Instituição, Guilherme Echenique, promoveu, com o apoio da prefeitura Municipal, um processo de reestruturação da Biblioteca Pública. No mesmo ano, os professores municipais Gilda Nunes, Humberto Camarim e Cely Farias foram enviados ao Rio de Janeiro para fazerem o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. O objetivo dos novos bibliotecários, ao regressarem a Pelotas foi a organização do acervo e a criação de uma biblioteca infantil.

Os espaços dedicados à leitura infantil configuraram-se a partir da década de 20 do século passado. Segundo Vidal (2000) a concepção de uma nova forma de ler na escola (a preferência pela leitura silenciosa em detrimento da oral) e a ampliação do universo bibliográfico disponível ao aluno eram objetivos prementes dos educadores escolanovistas:

Caberia à escola oferecer os meios para o alargamento do universo de leitura do aluno. Deveria enfatizar o recurso à leitura em silêncio, ao mesmo tempo em que teria de disponibilizar maior quantidade de livros ao público escolar, garantir sua qualidade e abolir a orientação do livro único. (Vidal, 2000 p. 498)

² Segundo Peres (1995) os registros nos livros de matrícula dos cursos noturnos vão até a década de 40 do século passado, há indícios, no entanto, de que funcionaram até 1956.

³ Dados da primeira entrevista realizada com a Sra. Gilda Nunes, as fontes documentais (nesse caso relatórios estatísticos da BPP) não se referem especialmente a esse fato, mas, os dados indicam um número de sócios e de frequentadores bastante inferior aos registrados a partir de 1945. Ainda sobre esse fato, notícias veiculadas nos jornais da época, posteriores ao período descrito pela profa. Gilda como de “BPP quase fechada” tratam do “Surto de franco desenvolvimento na Biblioteca Pública” (24/01/1946) e “Grande Movimento na Biblioteca Pública” (13/09/1946)

Vários estabelecimentos de ensino passaram a dispor de bibliotecas escolares e, também, estava previsto na rotina semanal dos alunos um horário na biblioteca. Vidal (2004), analisando as bibliotecas escolares e infantis de São Paulo e do Rio de Janeiro, coloca que as atividades nessas instituições eram supervisionadas pela professora-bibliotecária e previam hora do conto, acompanhamento da leitura dos alunos através de fichas, formação de clubes de leituras, redação e publicação de jornais infantis pelos frequentadores.

Nesse sentido, segundo Cardoso & Peres (2005) organizou-se a primeira biblioteca escolar de Pelotas no Grupo Escola Doutor Joaquim Assumpção, conforme o relatório do intendente municipal de 1928. A Sessão Infantil da BPP recebia estudantes de todas as escolas pelotenses e, conforme nossos dados, mantinha contato com as bibliotecas escolares através do envio de exemplares do Mundo Infantil e também de um sistema de convênio no qual a Seção Infantil disponibilizava e enviava parte do seu acervo para escolas públicas, afim de que mais crianças tivessem acesso à leitura (A Opinião Pública, 19/08/1947).

O Jornalzinho Mundo Infantil

A criação de um jornalzinho produzido pelas crianças já constava no projeto inicial da Seção Infantil Erico Verissimo. Os dados disponíveis até o momento tornam possível afirmar que a organização do jornalzinho foi uma iniciativa da bibliotecária-chefe da BPP Gilda Nunes, juntamente com Ivonice Otero, primeira bibliotecária da Seção Infantil. O convite para a fundação do jornalzinho foi publicado no jornal A Opinião Pública, a pedido da direção da BPP em 18 de outubro de 1946:

Jornal Infantil

A Seção Infantil da Biblioteca pública Pelotense convida, por nosso intermédio, a todos os seus leitores para uma reunião, amanhã, às 16 horas, no salão nobre da Biblioteca.

Esta reunião tem por fim tratar da fundação do jornalzinho da Seção Infantil e eleição dos membros de sua diretoria.

A reunião elegeu a primeira diretoria e também escolheu um nome para a nova publicação: Mundo Infantil. A posse da diretoria deu-se imediatamente e, em novembro do mesmo ano, saía o primeiro número do jornalzinho, com o editorial de primeira página assinado por seu diretor Clóvis Oliveira (menino de 11 anos) estabelecendo a necessidade e o empenho em prol da realização da imprensa infantil em Pelotas:

(...) a maior parte dos jornaizinhos morre com poucos meses de vida, isso é causado principalmente pelas dificuldades financeiras, por que é sabido o elevado custo da impressão e publicação desse gênero em nosso país. Contudo, não pouparemos esforços, nem sacrifícios para bem desempenhar nossa missão. O nosso lema será:

“- Tudo pelo nosso jornalzinho – “.

(...) nosso jornal se apresenta a um sem número de meninos e pensa estar certo que colaborará para o engrandecimento cada vez maior da imprensa infantil em nossa querida Pátria. (O Mundo Infantil, ano I, nº1, novembro de 1946)

Esse editorial abriu o primeiro número do jornal, que, desde seu início contava com assinantes e também com a venda de exemplares avulsos. O jornalzinho em sua primeira fase (até 1949) era impresso e, posteriormente, passou a ser mimeografado. A publicação do jornal estava a cargo dos membros de sua diretoria, mas, desde seu primeiro número, tinha orientação da bibliotecária que auxiliava as crianças na produção dos exemplares.

O auxílio da bibliotecária era, segundo a professora Gilda Nunes, extremamente necessário, já que o jornalzinho “levava o nome da Biblioteca, por isso deveria ser um bom trabalho”. Afora isso, o jornal era constituído pelos membros da diretoria e, também, por seus leitores que enviavam colaborações para a Seção Infantil e as tinham publicadas no periódico. Essas contribuições constavam de jogos, anedotas, curiosidades ou pequenos contos e sempre levavam a assinatura do colaborador.

Além disso, o jornalzinho trazia reportagens sobre acontecimentos relativos à infância pelotense:

Colaço de Grau do Jardim da Infância

No dia 1º de dezembro passado realizou-se no salão da Biblioteca a linda festa de formatura do Jardim da Infância da Escola Normal Assis Brasil.

As crianças, trajando a rigor, deram entrada no salão, acompanhadas por sua paraninfa, D. Maria da Glória P. de Sá, ao som do Danúbio Azul.

Todas as crianças receberam cestas de flores, presentes, etc.

O Mundo Infantil, especialmente convidado, fez-se representar por esse repórter.

Às esforçadas professoras do Jardim nossos parabéns pelo êxito da festa. (O Mundo Infantil, ano I, número 2, dezembro de 1946)

Ao observar o perfil dos escritores do Mundo Infantil pode-se perceber que a maior parte das crianças tinha entre 10 e 16 anos de idade e interesses dos mais diversos, é possível, ao longo dos exemplares encontrar textos sobre esportes, aventura, histórias policiais, história do Brasil e, inclusive, biografias de cidadãos pelotenses.

O jornalzinho Mundo Infantil se constituiu, segundo Gramsci *apud* Andreotti (2004 p.3), como um periódico porque se formou a partir de um grupo cultural homogêneo com interesses semelhantes e de um mesmo nível, além disso, teve longa duração e se estabeleceu dentro de uma instituição.

Na mesma linha dos periódicos estabelecidos dentro de bibliotecas infantis, com exceção de A Gazetinha da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco que era um jornal mural, o Mundo Infantil apresentava características semelhantes aos outros periódicos infantis: circulação entre os freqüentadores da biblioteca, envio de exemplares para escolas do município e, também, para outras localidades⁴ e produção praticamente artesanal dos exemplares. A diretoria do Mundo Infantil, além dessas atividades, envolvia-se no planejamento de acontecimentos e atividades direcionadas aos freqüentadores da Seção Infantil tais como festas, exposições, sessões de cinema, apresentação de teatro de marionetes, entre outros.

Segundo o professor João Manuel dos Santos Cunha, diretor do Mundo Infantil entre 1958 e 1960, essas atividades, aliadas à produção do jornalzinho levavam a uma presença constante das crianças na Biblioteca e, segundo ele, reuniam um grande número de crianças para assistir, além da presença de escolas e creches.

O jornalzinho tinha ampla circulação e aceitação pelas crianças fato que, em 1958, fez com que o repórter João Félix Neto do jornal Diário Popular visitasse a redação do Mundo Infantil, no caso a Seção Infantil da BPP. Dessa visita surgiu uma reportagem “Crianças que fazem notícia” no Diário Popular de 25 de abril e, posteriormente, a concessão quinzenal de meia página do jornal ao Mundo Infantil. Assim, a partir de maio de 1958, o jornal Mundo Infantil contaria com um espaço em um jornal de grande circulação na cidade.



Página do Mundo Infantil no Diário Popular - 11/05/1958

⁴ O Mundo Infantil de abril de 1956 registra o envio de exemplares do periódico para escolas do município de Rio Grande e também para a capital do estado, Porto Alegre.

O conteúdo publicado no Diário Popular era um pouco diferenciado do conteúdo do jornalzinho. Enquanto o jornalzinho, em média com 20 páginas, era dedicado a assuntos variados e apresentava de um número para outro, diferentes seções conforme as colaborações recebidas; a página infantil do Diário Popular, nos exemplares analisados, apresentava sempre o mesmo formato: havia uma fábula (de autoria de La Fontaine, Monteiro Lobato...), um desenho na parte central, algum passatempo (palavras cruzadas, charadas...), um texto de autoria de um freqüentador da Infantil e, por último, o comentário sobre alguma das obras existentes no acervo da Seção Infantil da BPP.

Dessa forma, o jornalzinho ultrapassou os limites da Biblioteca e chegou a ser publicado por um jornal “oficial”. Essa publicação, no entanto, não apresentou a mesma configuração do jornal infantil e trouxe mais textos de autores de livros infantis do que das próprias crianças. Sobre esse aspecto, o professor João Manuel dos Santos Cunha, salienta que o espaço no Diário Popular sempre teve “um tratamento mais formal da nossa parte, porque sabíamos que mais gente iria ler, não só crianças”.

Considerações finais

Segundo Vidal (2004), as bibliotecas direcionadas às crianças fizeram parte do projeto de renovação educacional do movimento da Escola Nova nas décadas de 20 e 30 do século XX. No princípio, essas bibliotecas foram predominantemente escolares, isto é, localizadas e gerenciadas nas instituições educacionais. No entanto, segundo a mesma autora:

As bibliotecas escolares extrapolaram, ainda, os muros das escolas e receberam acolhida em outros espaços, designados pelos órgãos públicos. Tanto na capital federal quanto na capital paulista, bibliotecas infantis foram criadas pra atender crianças em horários não-escolares, oferecendo livros para consulta e mesmo, empréstimo. Nesse sentido, bibliotecas escolares e infantis compunham faces de uma política de acesso ao livro a crianças de vários segmentos sociais. (Vidal, 2004, p.208)

No caso de Pelotas, embora não haja um estudo sobre as bibliotecas escolares contemporâneas à Seção Infantil Erico Verissimo, pelas referências da imprensa local, por ocasião do estabelecimento do convênio, em 1947, parece-nos possível afirmar que elas não cumpriam o mesmo papel já que não dispunham de um acervo adequado e variado⁵, o que provocava um desinteresse dos alunos pela leitura.

No que se refere a forma de ação, desde o seu início a Seção Infantil não objetivava somente a função de biblioteca, promovendo a leitura e a pesquisa. Segundo nossas fontes

⁵ Conforme A Opinião Pública de 19/08/1947.

a proposta, já no seu início era a constituição de um espaço cultural infantil, que possibilitasse não só a leitura, mas também a expressão da criança através de atividades que envolviam a escrita, o teatro e o desenho. Nesse sentido, a Seção Infantil da BPP assemelhava-se muito à Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco que

(...) transformar-se-ia num Centro de Cultura Infantil, já que extrapolava os objetivos de uma simples biblioteca ao conjugar atividades como cinema, música, cartografia e jogos. Esse conceito foi ampliado por Anísio Teixeira no discurso de inauguração quando afirmou que o Centro seria *uma casa da criança (...)um verdadeiro órgão de pesquisa, cujos trabalhos no futuro produzirão os mais benéficos resultados*. Para Cecília Meireles, a biblioteca não seria apenas *uma reserva de livros catalogados e dados a ler às crianças*, mas um local de encantamento e pesquisa, *um órgão cooperador da educação primária. Vamos mudar o nome, Biblioteca diz muito pouco das proporções a que vai atingir a esfera de ação desse departamento. Acho que iremos denominar “Centro de Cultura Infantil”. Aqui vai ser o Bureau da Criança*. (Pimenta, 2001, p.93)

Da mesma forma, os objetivos da Seção Infantil ultrapassavam as ações de uma biblioteca. E, nesse aspecto, inclui-se o próprio acervo que, além de livros possibilitava outros itens como jogos, marionetes para teatro, material para colorir, coleção de recortes, mapas, selos, gravuras e, ainda, na década de 50 um equipamento *Barlan* para as sessões de cinema realizadas no ambiente da Biblioteca.

Todo esse universo tinha um meio de divulgação: o Mundo Infantil. Sem dúvida, nas páginas do periódico produzido pelos freqüentadores quase que diários⁶ da Biblioteca pode-se encontrar informações que nos levam a concluir que a principal forma de divulgação desse centro cultural infantil era o seu jornalzinho. A produção dos leitores estava toda ali: textos, poemas, desenhos, pesquisas sobre a história local e do Brasil, palavras cruzadas, curiosidades sobre diversos temas e as *impressões dos autores sobre o mundo que os rodeava*. Nesse sentido, as reportagens do mundo Infantil abordam temas como nutrição infantil - a necessidade de comer legumes e verduras ocupou bastante espaço no jornal, trazendo debates entre os leitores a favor e contra e, ainda, no número 3 do ano de 1949 uma entrevista com um médico sobre o tema – escolha de uma profissão para o futuro, prática de esportes entre outros, além de comentários sobre livros, filmes, teatro e acontecimentos do mundo infantil pelotense.

Dessa forma, parece-nos possível afirmar que o Mundo Infantil constituiu-se um importante meio de difusão do universo cultural da Biblioteca entre seus freqüentadores e,

⁶ Segundo o Prof. João Manuel e a Prof^a. Gilda Nunes, muitas crianças freqüentavam a biblioteca todos os dias, no turno inverso ao que estudavam. Entre os membros da diretoria do Mundo Infantil isso era mais freqüente, já que as atividades em que se envolviam extrapolavam a produção do periódico.

também, entre aqueles que não a freqüentavam, mas que tinham acesso ao periódico na escola. Da mesma forma, o jornal constituiu-se um meio de expressão cultural daquele grupo revelando e pondo em discussão temas que lhes eram importantes.

Referências bibliográficas

ANDREOTTI, Azilde L. *A educação escolar como projeto de ascensão social e progresso do país nos anos de 30 e 40 através do jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil de São Paulo*. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação, Curitiba, 2004.

BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARDOSO, Aliana Anghinoni & PERES, Eliane. *A renovação educacional em Pelotas nas décadas de 1920 e 1930: as instituições complementares da escola*. Anais do XI Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação: História da Educação na Formação do Educador e A Contribuição dos 10 anos da ASPHE, São Leopoldo, 2005, CD-ROM dos trabalhos.

LOPES, Eliane Marta. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

PERES, Eliane Teresinha. *“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1995.

PIMENTA, Jussara Santos. *“Foa do outono ceto nem as aspirações amadurecem”*. Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). Dissertação de Mestrado. Departamento de Educação PUC- Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Ana Regina. *A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal Nosso Esforço e o contexto escolar do curso primário do Instituto de Educação (1936-39)*. Dissertação, Mestrado em Educação, PUCSP, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. Bibliotecas Escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920-1930. In: MENEZES, Maria Cristina. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes. VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.